

CELSO FURTADO

FORMAÇÃO  
ECONÔMICA  
DO BRASIL

EDIÇÃO COMEMORATIVA  
50 ANOS

ORGANIZAÇÃO

Rosa Freire d'Aguiar Furtado

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Espólio de Celso Furtado

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*

Mariana Newlands

*Imagem da capa*

Retrato de Celso Furtado por Samson Flexor, feito a bordo do Le Jamaica, em 1948

*Tradução do alemão*

Sergio Telarolli

*Tradução do espanhol, francês e italiano*

Rosa Freire d'Aguar Furtado

*Tradução do inglês*

Martha Maria

*Tradução do polonês*

Tomasz Barcinsky

*Preparação*

Isabel Jorge Cury

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Daniela Medeiros

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Furtado, Celso, 1920-

Formação econômica do Brasil : edição comemorativa : 50 anos / Celso Furtado ; organização Rosa Freire d'Aguar Furtado. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1518-1

1. Brasil – Condições econômicas I. Furtado, Rosa Freire d'Aguar. II. Título.

09-06939

CDD-330.981

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Condições econômicas 330.981
2. Brasil : Formação econômica 330.981

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO, *Rosa Freire d'Aguiar Furtado* 11
2. INTRODUÇÃO, *Luiz Felipe de Alencastro* 23
3. FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL, *Celso Furtado* 41

*Introdução* 45

## PARTE UM

### FUNDAMENTOS ECONÔMICOS DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL

1. Da expansão comercial à empresa agrícola 49
2. Fatores do êxito da empresa agrícola 54
3. Razões do monopólio 59
4. Desarticulação do sistema 63
5. As colônias de povoamento do hemisfério norte 67
6. Consequências da penetração do açúcar nas Antilhas 73
7. Encerramento da etapa colonial 83

PARTE DOIS

ECONOMIA ESCRAVISTA DE AGRICULTURA TROPICAL  
SÉCULOS XVI E XVII

8. Capitalização e nível de renda na colônia açucareira 95
9. Fluxo de renda e crescimento 103
10. Projeção da economia açucareira: a pecuária 111
11. Formação do complexo econômico nordestino 119
12. Contração econômica e expansão territorial 124

PARTE TRÊS

ECONOMIA ESCRAVISTA MINEIRA  
SÉCULO XVIII

13. Povoamento e articulação das regiões meridionais 133
14. Fluxo da renda 139
15. Regressão econômica e expansão da área  
de subsistência 146

PARTE QUATRO

ECONOMIA DE TRANSIÇÃO PARA O TRABALHO  
ASSALARIADO  
SÉCULO XIX

16. O Maranhão e a falsa euforia do fim da época  
colonial 151
17. Passivo colonial, crise financeira e instabilidade  
política 156
18. Confronto com o desenvolvimento dos EUA 163
19. Declínio a longo prazo do nível de renda: primeira metade  
do século XIX 171

20. Geração da economia cafeeira 176
21. O problema da mão de obra. I. Oferta interna potencial 185
22. O problema da mão de obra. II. A imigração europeia 192
23. O problema da mão de obra. III. Transumância amazônica 199
24. O problema da mão de obra. IV. Eliminação do trabalho escravo 207
25. Nível de renda e ritmo de crescimento na segunda metade do século XIX 214
26. O fluxo de renda na economia de trabalho assalariado 225
27. A tendência ao desequilíbrio externo 230
28. A defesa do nível de emprego e a concentração da renda 238
29. A descentralização republicana e a formação de novos grupos de pressão 247

#### PARTE CINCO

#### ECONOMIA DE TRANSIÇÃO PARA UM SISTEMA INDUSTRIAL

#### SÉCULO XX

30. A crise da economia cafeeira 257
31. Os mecanismos de defesa e a crise de 1929 268
32. Deslocamento do centro dinâmico 278
33. O desequilíbrio externo e sua propagação 289
34. Reajustamento do coeficiente de importações 304
35. Os dois lados do processo inflacionário 312
36. Perspectiva dos próximos decênios 324

*Apêndice* 337

4. FORTUNA CRÍTICA
- Nelson Werneck Sodré* 347
  - Renato Arena* 350
  - Paulo Sá* 361
  - Paul Singer* 367
  - Mecenas Dourado* 371
  - Allen H. Lester* 375
  - Fernando Novais* 379
  - Víctor L. Urquidí* 384
  - Hans G. Mueller* 389
  - Francisco Iglesias* 393
  - Warren Dean* 423
  - Ignacy Sachs* 427
  - Ruggiero Romano* 432
  - Frédéric Mauro* 446
  - Hans Werner Tobler* 451
  - Werner Baer* 455
  - Manfred Wöhlcke* 467
  - Katia de Queirós Mattoso* 471
  - Francisco de Oliveira* 489
  - Tamás Szmrecsányi* 510
  - Mauricio Coutinho* 519

5. ÍNDICE REMISSIVO 545
6. CRONOLOGIA 555
7. LISTA DE OBRAS 556
8. CRÉDITOS IMAGENS 567

# 1. APRESENTAÇÃO

*Rosa Freire d'Aguiar Furtado*

Há uma história entre *Formação econômica do Brasil* e os historiadores. Escrito por um economista, foi por eles descoberto, no Brasil e exterior. A primeira edição, de 1959, teve entre seus primeiros comentaristas Nelson Werneck Sodré, Fernando Novais, Francisco Iglesias. Alguns prefácios das edições estrangeiras foram escritos por historiadores, como Ruggiero Romano e Frédéric Mauro.

É verdade que a história foi a primeira paixão intelectual de Celso, despertada aos catorze anos, quando o pai comprou uma biblioteca com enciclopédias e livros de conhecidos historiadores. Também desde cedo seu interesse foi se concentrando na história do Brasil. Na página de um diário, o jovem de dezoito anos anotou:

Quero registrar hoje, aqui, uma ideia que há tempo venho acariciando: escrever uma História da Civilização Brasileira. Seria uma obra completa sob o ponto de vista crítico-filosófico. Não seguiria o plano até hoje seguido pelos nossos historiadores. Ao lado das influências individuais

observaria as influências das coletividades. Não me deixaria emaranhar pelos fatos.<sup>1</sup>

Dois anos depois, na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, seu leque de leituras se ampliaria para historiadores como o medievalista belga Henri Pirenne, de importância determinante, e o português António Sérgio. E, em 1948, sua tese de doutorado “L'économie coloniale brésilienne — XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècle”, defendida na Universidade de Paris, teria o duplo enfoque da história e da economia. Esse primeiro trabalho acadêmico, diria Celso mais tarde, levou-o a descobrir “a importância da análise econômica para apreender a lógica da realidade social de países — caso do Brasil — que se originaram de operações comerciais”, e também respondeu, “numa fase histórica em que nosso país emergia de quinze anos de ditadura”, à necessidade de “conhecer melhor nossa formação, os ingredientes de nossa cultura”.<sup>2</sup>

Dez anos separam a tese e a redação de *Formação econômica do Brasil*. O caminho de uma à outra tem um fio de continuidade que passa por mais duas etapas: um artigo e um livro. O artigo é “Características gerais da economia brasileira”,<sup>3</sup> seu primeiro estudo analítico sobre o assunto. Se a tese se limitara à fase açucareira da economia colonial, o artigo deu maior abrangência a ideias que ali constavam em filigrana. O livro é *A economia brasileira*, publicado em 1954, em pequena edição financiada pelo autor e logo esgotada.<sup>4</sup> Compõe-se de seis ensaios em que se entreveem certos temas aprofundados em *For-*

1. Diário, 20 de agosto de 1938.

2. Celso Furtado, prefácio de *Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII: elementos de história econômica aplicados à análise de problemas econômicos e sociais*. São Paulo: Hucitec/ABPHE, 2001.

3. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, março de 1950.

4. Celso Furtado, *A economia brasileira (Contribuição à análise do seu desenvolvimento)*. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.



*mação*, como o conceito de socialização das perdas e o da estrutura dual em que convivem setores atrasados e modernos, gerando o fenômeno do subdesenvolvimento.

Em 1957, o editor lhe propôs uma reedição de *A economia brasileira*. Celso reconhecera no prefácio que as hipóteses formuladas no livro eram “extremamente imaturas, merecendo os problemas tratados uma análise muito mais detida”.<sup>5</sup> Razão suficiente para não se interessar por mera reedição. Mas não descartou reescrevê-lo, com mudanças e acréscimos, no ano letivo de 1957-8 que passaria na Inglaterra. Depois de nove anos como economista da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), baseado em Santiago do Chile e percorrendo o continente, ele recebera um convite de Nicholas Kaldor, então professor em Cambridge. Foi a oportunidade sonhada para retomar estudos e reflexões no campo da dinâmica econômica. Suas atividades acadêmicas nesse ano sabático incluíam também seminários semanais sobre a análise comparativa dos processos históricos do desenvolvimento econômico, o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos, o comércio internacional, as taxas de juros. Cambridge, com sua grande biblioteca e sua sábia mistura de tradição e excelência, reunia na época expoentes da macroeconomia e discípulos de Keynes. Com alguns, como James E. Meade, Richard Kahn, Joan Robinson, Piero Garegnani, Amartya K. Sen, além de Kaldor, Celso fez boa camaradagem e mesmo amizade.

Vale a pena pôr em foco o marco teórico que ocupava sua mente na época em que escreveu *Formação*. No relatório final apresentado à Fundação Rockefeller, ao término da bolsa que recebeu durante o ano sabático, ele expunha que o trabalho que a CEPAL vinha fazendo fora criticado nos Estados Unidos, sem porém que os críticos tivessem apresentado soluções alternativas para os países subdesenvolvidos:

Assim, eu tinha um interesse básico em examinar essa questão: que resposta tem o corpo do conhecimento econômico para os principais pro-

5. Id., *ibid.*, p. 16.

blemas ligados ao subdesenvolvimento de nossos países? Até que ponto o trabalho que estamos fazendo é inconsistente diante dos princípios fundamentais das teorias dos preços (alocação de recursos), do emprego (utilização da capacidade produtiva) e do comércio internacional?<sup>6</sup>

O curso ministrado por Kaldor, “uma revisão crítica do processo de formação da moderna teoria do crescimento”, parecia-lhe fundamental para refletir sobre os limites e utilidade dessas teorias. Seu enfoque aprofundado dos processos econômicos “deu-me uma oportunidade excepcional de fazer uma revisão completa de minha compreensão das teorias econômicas geralmente aceitas”.<sup>7</sup>

O seminário sobre o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos sem dúvida influenciou no futuro capítulo 18 de *Formação*, em que o autor compara a formação econômica do Brasil e a americana:

Interessei-me por algum tempo pelo estudo dos fatores internacionais que, durante o século XIX, travaram o desenvolvimento das economias latino-americanas e promoveram a expansão dos Estados Unidos. Penso que minhas ideias sobre esse ponto estão muito mais claras agora e espero ser capaz de preparar e publicar mais adiante uma análise comparativa do papel do comércio internacional nos primeiros estágios do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos e da América Latina.<sup>8</sup>

De Cambridge, Celso não trará a reedição revista e ampliada pedida pelo editor de *A economia brasileira*, e sim um novo livro, ponto de chegada de dez anos de reflexões sobre o país: *Formação econômica do Brasil*. É de janeiro de 1959 a primeira edição: livro de capa dura azul-marinho, sobrecapa vermelha com letras amarelas, 291 páginas, publicado pela editora Fundo de Cultura. Cinquenta anos depois, *For-*

6. Relatório final de C. Furtado a Erskine W. McKinley, Fellowship Adviser, The Rockefeller Foundation, 22 de julho de 1958.

7. Id., *ibid.*

8. Id., *ibid.*

*mação* está na 34ª edição, foi traduzido para nove línguas — espanhol (1962), inglês (1963), polonês (1967), italiano (1970), japonês (1972), francês (1972), alemão (1975), romeno (2000) e chinês (2002) — e teve no Brasil cerca de 350 mil exemplares vendidos e algumas edições especiais. Obra pioneira da historiografia econômica, presente em bibliografias de escolas de economia e ciências sociais no Brasil e no exterior, em listas dos dez livros mais importantes do pensamento brasileiro e dos trabalhos mais citados em revistas acadêmicas, *Formação* ensejou o interesse de jovens pelo estudo de economia e deu origem a uma infinidade de trabalhos universitários.

“Se eu não estivesse fora do Brasil, provavelmente não teria prestado atenção nisso [o atraso do país], mas o fato de viver fora, de trabalhar numa equipe internacional, me obrigou a enfrentar esse desafio que era decifrar o Brasil”, afirmou Celso.<sup>9</sup> Na urdidura de fundo de *Formação* estavam, assim, os anos passados na CEPAL, quando ele afinou o instrumental teórico de reflexão acerca do subdesenvolvimento com que deparava no continente latino-americano. Pois se o novo no livro era a visão derivada da história e da macroeconomia, outra novidade era a tentativa de mapear as origens do atraso brasileiro pelo exame de seus ciclos econômicos. Para a historiadora Alice Cannabry, *Formação* “tem como substrato mais profundo o problema do desenvolvimento econômico. O fulcro deste está colocado na formação e estrutura da distribuição da renda, com base no valor das exportações e no custo dos fatores de produção”.<sup>10</sup> Na mesma linha situa-se o economista Ricardo Bielschowsky, para quem o livro mostra que “a evolução histórica da economia brasileira conduziu à formação de uma estrutura econômica subdesenvolvida”.<sup>11</sup>

9. Celso Furtado, “A longa busca da utopia”. In *Economia Aplicada*, vol. 1, nº 3, jul.-set. 1997.

10. “Roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira”. In I Seminário de Estudos Brasileiros — Anais, vol. 2. São Paulo: IEB/USP, 1972.

11. Ricardo Bielschowsky, “*Formação econômica do Brasil*: uma obra-prima do estruturalismo cepalino”, *Revista de Economia Política*, vol. 9, nº 4, out.-dez. 1989.

Fazia dez anos que Celso morava fora do Brasil. Ao retornar de Cambridge, assumira uma diretoria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, voltada para os assuntos do Nordeste e sediada no Recife. Em janeiro de 1959, quando foi lançado *Formação*, teve o primeiro encontro com o presidente Juscelino Kubitschek para apresentar as diretrizes de uma nova política para a região nordestina. Se já ocupava alto cargo na administração pública, ainda não tinha a projeção nacional e a proeminência que lhe dariam a criação e a direção da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste e a pasta de ministro do Planejamento. Assim, não deixou de surpreender a repercussão de *Formação* junto ao público: no mês seguinte ao lançamento, o livro ocupava o terceiro lugar na lista dos best-sellers nacionais, logo em seguida a dois conhecidos romances, *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, e *A imaginária*, de Adalgisa Nery. Os 5 mil exemplares da primeira edição se esgotaram em maio, quando foi acertada a segunda, de mais 5 mil. A terceira, no ano seguinte, seria de 10 mil, números mais expressivos na medida em que o autor não era ligado a instituições universitárias e a divulgação de um livro não contava com os recursos promocionais de hoje.

Em artigo sobre as novidades editoriais daquele ano, escreveu o historiador Francisco Iglesias que, com *Formação*,

a bibliografia da história econômica do país vê-se, assim, enriquecida com uma obra profunda, original e que vai ficar como modelo. Sua publicação é uma advertência para os historiadores: além do domínio de seus instrumentos especiais de trabalho, precisam de formação em ciência social para aprofundamento da análise que têm de fazer. Caso contrário, especialistas em outras áreas é que vão marcar com novos rumos a historiografia.<sup>12</sup>

12. Francisco Iglesias, “Introdução à historiografia econômica”, *Estudos Econômicos, Políticos e Sociais*, nº 11. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, 1959.

Entre os estudiosos de ciências sociais, houve certa perplexidade com o livro escrito por um economista que se arriscava na seara da história. Diz ainda Francisco Iglesias: “Os historiadores da velha guarda não o entendiam, supondo-o de economia, enquanto muitos economistas não o consideravam, pelo menosprezo indevido ao histórico”.<sup>13</sup>

Em abril de 1959 a crítica de Nelson Werneck Sodré inaugura o diálogo de *Formação* com os historiadores. Ele enquadra o autor entre os “economistas de formação ortodoxa”. Em maio, o livro passa pelo crivo de uma crítica marxista na revista *Estudos Sociais*, dirigida pelo influente intelectual comunista Astrojildo Pereira. Reprova-se na obra o “excessivo economicismo do historiador que lá encontramos”. Dois meses depois, a revista *Síntese Política, Econômica e Social*, recém-fundada pelo sociólogo padre Fernando Bastos de Ávila, da PUC do Rio de Janeiro, ressalta, inversamente, que Celso estava livre da “epidemia de economismo que constipa a nossa gente”.

São esses alguns dos artigos reunidos nesta edição do cinquentenário de *Formação*. A seleção ateu-se àqueles específicos sobre o livro, não incluindo os de cientistas sociais que o analisaram em trabalhos mais abrangentes sobre a obra de Celso Furtado.<sup>14</sup> Todos os textos estão publicados na íntegra. Seguem a ordem cronológica e foram agrupados em torno de quatro eixos: artigos contemporâneos ao lançamento,

13. Francisco Iglesias, manuscrito, 1989.

14. Ver em especial Luiz Carlos Bresser-Pereira, “Método e paixão em Celso Furtado”. In L. Carlos Bresser-Pereira e José Marcio Rego (orgs.), *A grande esperança em Celso Furtado*. São Paulo: Editora 34, 2001; Guido Mantega, “Celso Furtado e o pensamento econômico brasileiro”, *Revista de Economia Política*, vol. 9, nº 4, out.-dez. 1989; Rosa Maria Vieira, *Celso Furtado, reforma, política e ideologia (1950-64)*. São Paulo: Educ, 2007; Carlos Mallorquín, *Celso Furtado: um retrato intelectual*. Rio de Janeiro/São Paulo: Xamã/Contraponto, 2005; Joseph Love, *A construção do Terceiro Mundo — Teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998; Ricardo Bielschowsky, *Pensamento econômico brasileiro, o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

que têm o sabor de revelar as primeiras impressões sobre a obra; prefácios assinados por historiadores e economistas; críticas publicadas em revistas acadêmicas no exterior, a par das edições estrangeiras, e que denotam a receptividade da obra na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina; artigos mais recentes, quando cientistas sociais avaliavam uma obra clássica. Para escrever o ensaio introdutório desta edição, o nome do professor Luiz Felipe de Alencastro, titular da cadeira de história do Brasil na Universidade de Paris IV-Sorbonne, impôs-se como uma evidência. Nos longos anos de exílio em Paris, quando Luiz Felipe preparava sua tese sobre o Atlântico Sul e a formação do Brasil e Celso lecionava economia do desenvolvimento na Sorbonne, era intenso o convívio dos dois, em almoços semanais nos pequenos restaurantes do Quartier Latin. Consolidou-se assim um diálogo entre o historiador e o economista — o mesmo que, de certa forma, também marcou o percurso de *Formação*.

Em 1996, os organizadores da coletânea *Conversas com economistas brasileiros* notavam a unanimidade em torno da principal obra de Celso, até mesmo entre o que “se chama hoje em dia de direita”.<sup>15</sup> Para o economista Antonio Delfim Netto, um dos entrevistados, *Formação* era “uma espécie de romance, um livro extraordinário por causa da forma. Aquela interpretação integral, global, transmite uma lógica para a história que é absolutamente fantástica”.<sup>16</sup> Seu colega Roberto Campos, mais contido, dizia que o livro era “bastante importante conquanto haja várias interpretações históricas equivocadas”.<sup>17</sup> A economista Maria da Conceição Tavares concluía que “ninguém ficou imune a um Furtado”.<sup>18</sup>

No prefácio de *Formação*, esclarecia Celso que visava “tão somente um esboço do processo histórico de formação da economia brasileira”.

15. Ciro Biderman, Luis Felipe L. Cozac e José Marcio Rego (orgs.), *Conversas com economistas brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 75.

16. Id., *ibid.*, p. 421.

17. Id., *ibid.*, p. 40.

18. Id., *ibid.*, p. 421.

Algo mais perto de uma introdução, em estilo de ensaio, como ele reafirmaria trinta anos depois:

a ideia original foi escrever um livro que explicasse o Brasil aos não brasileiros. Trabalhando nas Nações Unidas sobre outros países, surpreendia-me a inexistência de livros que me ajudassem a entendê-los. Daí a visão global e a preocupação de inserir a realidade brasileira no contexto internacional, desde o começo de nossa história. Se tivesse de reescrever o livro, nada tiraria do que lá está. Mas certamente acrescentaria alguma coisa, dando mais peso ao século XIX na definição do que veio a ser o Brasil atual.<sup>19</sup>

*Formação* acabou explicando o Brasil aos brasileiros. A obra que incentivou tantas pesquisas tributárias de suas teses também gerou polêmicas. Como a da bibliografia. Conforme se perceberá pela fortuna crítica aqui reunida, há quem a reprove por não ser suficientemente extensa. Outros, ao contrário, minimizam a omissão do levantamento bibliográfico minucioso, levando em conta que o autor se interessava mais em analisar os processos econômicos do que em reconstituir os fatos históricos. No seu entender, não cabia dar crédito a todos os que tivessem contribuído para os estudos históricos, pois o objetivo era “avançar uma série de hipóteses interpretativas, aproximando acontecimentos em áreas diversas e tempos distintos, como quem fixa uma imagem através de seus traços mais característicos”.<sup>20</sup>

Um contratempo e um extravio balizam a história de *Formação*. Um problema técnico no avião em que Celso ia para a Inglaterra, em 1957, obrigou-o a permanecer um dia no Recife. Teve tempo de percorrer a cidade onde morara no fim dos anos 30, quando estudou no Ginásio Pernambucano. Na livraria Imperatriz encontrou uma nova

19. “Há trinta anos, um livro para explicar o Brasil”, entrevista a Jefferson Barros, *O Estado de S. Paulo*, 18 de fevereiro de 1989.

20. *Obra autobiográfica de C. Furtado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, tomo 1, p. 344.

edição do livro de Roberto Simonsen, *História econômica do Brasil*.<sup>21</sup> Releu-o atentamente — o exemplar tem muitas anotações nas margens — e chegou a Cambridge pensando em explorar os dados quantitativos que Simonsen reunira sobre o período colonial para “tentar a elaboração de um modelo da economia do açúcar em meados do século XVII”.<sup>22</sup> A ideia se desdobraria no estudo de quatro séculos e meio da economia brasileira.

*Formação econômica do Brasil* foi escrito entre novembro de 1957 e fevereiro de 1958. Prontas as quase quatrocentas folhas escritas à mão com caneta azul, Celso foi ao correio de Cambridge despachá-las para o Brasil. No caminho, um colega o alertou para o risco de extravio dos originais. Fazia um mês que Celso procurava um datilógrafo, em vão. Dois candidatos se apresentaram, um que possuía máquina com teclado português mas estava com muito trabalho, e uma senhora que teria de esperar amainar uma crise de artrite. O colega sugeriu uma microfilmagem do manuscrito na universidade. Feliz sugestão. Semanas depois, o prolongado silêncio do editor não deixava dúvida: o pacote registrado se extraviara. Agora era torcer para que o microfilme prestasse. Prestava. Página por página, Celso datilografou — já na pequena Olivetti 22 recém-comprada na Itália, voltando de um congresso de economistas na Turquia — o manuscrito projetado na tela. Aproveitou para enxugar o texto, apurar o estilo, aclarar dúvidas. Mudou o título, que na versão original era *Introdução à economia brasileira*. E, precavido, enviou ao Brasil capítulo por capítulo: “Tenho recebido continuamente os capítulos datilografados. Já chegaram quinze envelopes com esse material e mais três contendo folhas impressas”, escreveu-lhe seu pai.<sup>23</sup>

Paralelamente, fez uma reclamação formal na agência postal de Cambridge. Uma semana depois, o correio de Sua Majestade respon-

21. Roberto Simonsen, *História econômica do Brasil (1500/1820)*, 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

22. *Obra autobiográfica*, tomo 1, p. 331.

23. Carta de Maurício Furtado a C. Furtado, 18 de julho de 1958.



dia nos detalhes: “Devo informar-lhe que seu pacote foi despachado sob o número 67 para o Rio de Janeiro no voo Panair do Brasil 273, às 14 horas do dia 8 de março”.<sup>24</sup> À guisa de indenização, recebeu um cheque de 2 libras, 18 shillings e 3 pence, que guardou como curiosidade. Era essa a quantia máxima paga pelo correio inglês pela perda de um envio registrado. Quatro meses depois, quando a versão definitiva e datilografada de *Formação* já estava a salvo no Brasil, encontrou-se num depósito da Alfândega do Rio de Janeiro o pacote perdido, à espera de uma inspeção por ser considerado material suspeito. “Mais do que os anos de observação e estudo, aprendi com esse episódio o que é o subdesenvolvimento, essa manifestação de idiotice alastrada no organismo social”, escreveria Celso.<sup>25</sup>

Nas páginas finais do livro de memórias *A fantasia organizada*, ele conta que no clube Union, de Cambridge, havia um salão que reproduzia a Câmara dos Comuns inglesa. Ali também as questões do momento eram debatidas e votadas. Esse entrelaçamento da vida intelectual com a política levou-o a pensar que ter escrito naquele ano sabático um livro que “poderia ajudar a nova geração a captar a realidade do país e identificar os verdadeiros problemas deste representara o melhor emprego de meu tempo”.<sup>26</sup>

ROSA FREIRE D’AGUIAR FURTADO é jornalista, foi correspondente em Paris, nos anos 1970 e 80, das revistas *Manchete*, *IstoÉ* e do *Jornal da República*. Desde então trabalha no mercado editorial, especialmente como tradutora. É presidente cultural do Centro Internacional Celso Furtado.

24. Carta do Divisional Controller’s Office da região postal de Londres, 23 de junho de 1958.

25. *Obra autobiográfica*, tomo 1, p. 354.

26. Id., *ibid.*, p. 358.